



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

***BLACK MIRROR*, UM ESPELHO NO FUNDO DA CAVERNA:
O que a Primeira Temporada de *Black Mirror* pode nos ensinar sobre a
sociedade e as tecnologias?**

**A BLACK MIRROR AT THE BOTTOM OF THE CAVE:
What can Black Mirror Season One teach us about society and
technology?**

**BLACK MIRROR, SPEGULO ÇE LA FUNDO DE LA KAVERNO:
Kion la Sezono Unu de Black Mirror povas instrui nin pri socio kaj
teknologio?**

Rafael Egidio Leal e Silva³⁸

Resumo

O objetivo deste artigo é realizar uma reflexão sobre a relação da primeira temporada da série inglesa *Black Mirror* com a “Alegoria da Caverna” inserta no Livro VII d’A **república** do filósofo grego Platão. Pretende-se demonstrar que este seriado antológico, onde não há uma sequência de episódios, em sua primeira temporada pode ser entendido através dos da filosofia clássica platônica, e em especial sua alegoria supracitada, em perspectiva crítica aos nossos dias. A imagem que Platão estabeleceu de homens que se libertam das sombras do fundo de uma caverna e caminham para a luz é extremamente poderosa e foi apropriada em diversos textos, inclusive na arte. Propõe-se assim utilizar uma obra contemporânea como forma de ilustração desta passagem, em especial no ensino de Humanidades. No primeiro episódio há a tematização da política, do espetáculo e o papel das artes diante de uma situação grotesca em que o Primeiro-Ministro britânico é coagido a praticar sexo com um porco. O segundo episódio mais alegórico, questiona o trabalho sem sentido e uma sociedade que estabelece formas de entretenimento para sua reprodução. O terceiro episódio mostra a modificação tecnológica no corpo humano, com a instalação de câmeras no globo ocular e a inserção de recursos computacionais como forma de expansão da memória e como tal avanço se

³⁸ cursou os seguintes cursos de Graduação: Bacharelado em Direito (UEM/1999), Licenciatura em Ciências Sociais (UEM/2008), Licenciatura em História (UEM/2020). cursou as seguintes Especializações: Teoria Histórico-Cultural (UEM/DPI 2006), História das Religiões (UEM/DHI 2009) e Sociologia no Ensino Médio (UEPG/2016). É Mestre em Psicologia (2012) pela Universidade Estadual de Maringá. Atualmente é Docente RSC-III do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, atuando no eixo tecnológico "Ciências Humanas e suas tecnologias" na área de conhecimento de Sociologia no Instituto Federal do Paraná - Campus Umuarama. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2271-1308>. E-mail: rafaelsilva@ifpr.edu.br



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

torna desastroso nas relações íntimas. Enfim, consideramos que este é um seriado que suscita reflexões relevantes para a sociedade e para a educação.

Palavras-chave: Seriado. *Black Mirror*. Alegoria da Caverna. A república. Platão.

Abstract

The purpose of this article is to reflect on the relationship of the first season of the English series *Black Mirror* with the “Allegory of the Cave” inserted in Book VII of *The Republic* of the Greek philosopher Plato. It is intended to demonstrate that this anthological series, where there is no sequence of episodes, in its first season can be understood through those of Platonic classical philosophy, and in particular its aforementioned allegory, in a critical perspective to our days. The image that Plato establishes between men who freed themselves from the shadows of the bottom of a cave and walk towards the light is extremely powerful and was appropriated in several texts, including in art. It is therefore proposed to use a contemporary work as a way of illustrating this passage, especially in the teaching of Humanities. In the first episode there is the thematization of politics, spectacle and the role of the arts in a grotesque situation in which the British Prime Minister is coerced into having sex with a pig. The second most allegorical episode questions the meaningless work and a society that establishes forms of entertainment for its reproduction. The third episode shows the technological change in the human body, with the installation of cameras in the eyeball and the insertion of computer resources as a form of memory expansion and how such advance becomes disastrous in intimate relationships. Finally, we believe that this is a series that raises relevant reflections for society and for education.

Keywords: Series. *Black Mirror*. Allegory of the Cave. The Republic. Plato.

Resumo

La celo de ĉi tiu artikolo estas pripensi la rilaton inter la unua sezono de la angla serio *Black Mirror* kaj la "Alegorio de la Kaverno" enigita en Libro VII de *La Respubliko* de la greka filozofo Platono. Oni intencas pruvi, ke ĉi tiu antologia serio, kie ne ekzistas sinsekvo de epizodoj, en sia unua sezono povas esti komprenata per tiuj de platona klasika filozofio, kaj aparte ĝia menciita alegorio, en kritika perspektivo al niaj tagoj. La bildo kiun Platono establis de viroj liberiĝantaj de la ombroj de la fundo de kaverno kaj piediranta direkte al la lumo estas ekstreme potenca kaj estis alproprigita en pluraj tekstoj, inkluzive de en arto. Estas do proponite uzi nuntempan verkon kiel manieron ilustri ĉi tiun trairejon, precipe en la instruado de Homaro. En la unua epizodo estas la tematigo de politiko, spektaklo kaj la rolo de la artoj en groteska situacio, en kiu la brita ĉefministro estas devigita amori kun porko. La dua plej alegoria epizodo pridubas la signifan laboron kaj socion kiu establas formojn de distro por sia reproduktado. La tria epizodo montras la teknologian ŝanĝon en la homa korpo, kun la instalado de fotiloj en la okulglobo kaj la enmeto de komputilaj rimedoj kiel maniero de vastigi memoron, kaj kiel tiu antaŭeniĝo iĝas katastrofa en intimaj rilatoj. Fine, ni kredas, ke tio estas serio, kiu levas koncernajn pripensojn por la socio kaj por la edukado.

Ŝlosilvortoj: Seria. Nigra Spegulo. Alegorio de la Kaverno. La respubliko. Platono.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O objetivo deste artigo é realizar uma breve reflexão sobre a relação da primeira temporada da série inglesa **Black Mirror** com a “Alegoria da Caverna” inserta no Livro VII d’**A república** do filósofo grego Platão. Utiliza-se aqui um formato ensaístico, onde pretendemos levantar mais questionamentos do que oferecer respostas e conclusões. Pretende-se abrir caminhos e ensejar debates. Claro, tanto a alegoria, quanto os episódios em si são apenas o mote inicial para adentrarmos em diversas significações e temas, tanto filosóficos quanto sociais. Pretende-se demonstrar que há possibilidade de pensar os episódios selecionados tanto do conteúdo filosófico clássico quanto com questões caras à nossa sociedade atual. É inegável que há uma grande popularização das séries televisivas, o que é acompanhado também da produção de seriados com crescente qualidade, independentemente do público endereçado na sua produção, uma vez que há uma constante apropriação ativa e dialógica dos diversos tipos de “público” (ELLSWORTH, 2001). Tal popularização se deve tanto a maior presença de canais de TV a cabo em nossa sociedade, quanto de canais de serviço de *streaming*.

Black Mirror foi lançada em 2011 com três episódios pelo *Channel Four* da televisão britânica, foi criada por Charlie Brooker, roteirista e produtor (LEMOS, 2018), e atualmente está abrigada no serviço de *streaming* Netflix. É uma série antológica pois cada episódio mostra uma situação, enredo e personagens diferentes, sendo que as temporadas ou até mesmo a série como um todo é ligada por um tema, lugar, ou outra circunstância e não pela trajetória de um personagem ou grupo protagonista. Justamente por não ser sequencial, há grande possibilidade da utilização em sala de aula especialmente do ensino médio, uma vez que o professor pode escolher qualquer um dos episódios de qualquer uma das temporadas pois a estória é fechada em si, com começo meio e fim nítidos (muito embora deem margem a muita discussão), dependendo do tema que queira tratar ou enfatizar em sala de aula. Nesta série, há um tema que comunga seus episódios e temporadas: o avanço tecnológico e as relações humanas nesse contexto. Pode-se considerar até que em cada episódio, o que menos interessa é justamente o personagem, saltando aos olhos a situação em que os mesmos se encontram (LEMOS, 2018, p. 13-14).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Para além de temas, este é um seriado que enseja reflexões. A iniciar pelo seu curioso título, que faz referência ao “espelho negro”, fazendo menção à tela negra de televisores, computadores e *smartphones* quando desligados que funcionam como uma espécie de espelho para nós mesmos tanto da tecnologia quanto de escuridão que nos cerca. Isso fica ainda mais sugestivo quando percebemos que a abertura do seriado é justamente um espelho negro que se quebra, ou seja: não é sinal de bons presságios, como indica o senso comum, que um espelho quebrado implicará em sete anos de azar. Os episódios desta temporada são apresentados desde em tom de uma inusitada situação com toques até de terror psicológico (o primeiro episódio) e até de forma distópica de uma realidade alternativa (o segundo episódio) ou até de um futuro possível (o terceiro episódio), onde há um nítido encaminhamento das sensações de desconforto, estranhamento e, quando não, o horror ao espectador. Ainda assim, é possível educar neste contexto?

Conforme Santaella & Gabriel, diante da visão de que a tecnologia apenas apresenta vantagens para a sociedade, esta série se coloca “como o lado negro, que não está previsto nas propaladas conquistas que poderão advir da chamada singularidade tecnológica” (2019, p. 943). Justamente por este tom sombrio que efetivamente incomoda, *Black Mirror* evoca seus méritos para a educação humanística. Na sequência deste artigo iremos tecer considerações sobre tais episódios e como os mesmos podem ser entendidos num contexto alegórico de uma prisão sombria e cavernosa. Afinal, o que o espelho obscuro de *Black Mirror* teria a revelar sobre nós mesmos?

HINO NACIONAL: UMA CIDADE BEM DIFERENTE DA NOSSA?

– Depois disto – prossegui eu – imagina a nossa natureza, relativamente à educação ou à sua falta, de acordo com a seguinte experiência. Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz, que se estende a todo o comprimento dessa gruta. Estão lá dentro desde a infância, algemados de pernas e pescoços, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente: são incapazes de voltar a cabeça, por causa dos grilhões; serve-lhes de iluminação um fogo que se queima ao longe, numa eminência, por detrás deles; (...)



ΙΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- Estranho quadro e estranhos prisioneiros são esses de que tu falas – observou ele.
- Semelhantes a nós – continuei –. Em primeiro lugar, pensas que, nestas condições, eles tenham visto, de si mesmo e dos outros, algo mais que as sombras projectadas pelo fogo na parede oposta da caverna? (...)
- De qualquer modo – afirmei – pessoas nessas condições não pensavam que a realidade fosse senão a sombra dos objectos. (PLATÃO, 1993, 514a – 515c).

Hino nacional (2011), o primeiro episódio de *Black Mirror* estabelece uma intrigante situação, já logo de início: o Primeiro-Ministro inglês Michael Callow é acordado de madrugada e levado às pressas a uma reunião com uma parte de sua assessoria e gabinete. Ali é informado que a Princesa e Duquesa de Beaumont Susannah (descrita como “princesa do Facebook, queridinha do país” em certo momento) foi sequestrada e que há um vídeo dela no cativado a qual é obrigada a realizar um pronunciamento:

Primeiro-Ministro Michael Callow, minha vida depende de você. (...) Só há uma exigência... e é simples. Às quatro da tarde de hoje, o Primeiro-Ministro Michael Callow deve aparecer ao vivo em todas as emissoras britânicas de TV, terrestres e via satélite, e ter uma relação sexual plena, não simulada, com um porco. (HINO..., 2011).

O terrorista como ele mesmo se assume, não pode ser rastreado, assim como um fantasma. O vídeo, entretanto, fora postado no site de compartilhamentos *YouTube*, o que torna impossível ser apagado (cada vez que é apagado, é replicado) e de não ser visualizado em massa. Ao governo resta uma intensa caçada a quaisquer pistas que indiquem o autor do ato. Para a imprensa dentro do Reino Unido (a princípio proibida de noticiar) fica a pressão para que possa exibir este fato, que é liberada quando o restante do mundo inicia o escândalo. Em paralelo, há a opinião pública, que a princípio é favorável a que o Primeiro-Ministro não ceda a exigência, mas que já começa a se aglomerar em frente aos televisores. Em uma outra estratégia, o governo prepara uma encenação com um ator profissional de filmes adultos o que é descoberto pelo sequestrador. O criminoso envia um dedo amputado que seria da princesa para uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

emissora de TV e a partir desse momento a trama ganha tons trágicos. A população que antes apoiava o político, repentinamente passa a ser massivamente a favor que o mesmo pratique o ato sexual. Jane, a esposa de Michael Callow (são pais de um filho ainda bebê) acompanha com angústia os desdobramentos.

Sexo com um porco televisionado a toda a população. Em uma das falas de um dos populares do episódio se diz que isso é pouco perto do que políticos estão habituados a fazer. E o que políticos fazem? Aqui entramos em uma discussão clássica e profunda acerca do fenômeno político, ou seja, quando a sociedade necessita de homens que executem funções de mando e organização social, ou melhor, que possuam poder. E aqui nos remetemos ao texto clássico de Platão, **A república** (1993). A partir da pergunta se é melhor ser justo ou injusto, este filósofo elabora um sofisticado raciocínio sobre a constituição política que seria a ideal, em resposta aos dilemas políticos de sua época. Em sua visão, a cidade e o homem são correspondentes, sendo aquela o homem escrito em letras maiúsculas (368d-e). A constituição perfeita, segundo ele, resultaria na conjugação das quatro virtudes: Sabedoria, Coragem, Temperança e Justiça (427e) com as classes de uma cidade perfeita: os Guardiães (os filósofos), os guerreiros e os artesãos. Tais classes resultam justamente do que seria o correspondente às partes da alma: os primeiros representam a Razão, os segundos a irascibilidade, os terceiros os apetites. No sistema platônico, a Razão era tão necessária ao governo da cidade (e da alma) que considerava que enquanto os reis não fossem filósofos, nem os filósofos forem reis, não haveria possibilidade de um governo racional nem virtuoso (473de). Da racionalidade resulta a primeira virtude: a Sabedoria. A Coragem seria realizada com guerreiros corajosos e sob o comando da classe filosófica. A Temperança resulta no governo dos melhores sobre os piores e a Justiça é precisamente cada qual fazer a função a que a natureza melhor se dotou: filósofos comandam, guerreiros guerreiam e artesãos trabalham.

É bastante interessante a consideração do apetite em Platão: é justamente a região do baixo ventre, responsável pelos prazeres da comida, da bebida e do sexo. Platão considerava que caso o prazer governasse o homem ou até a cidade implicaria na ruína de um e de outro (1993). Conforme Benoit (1996), a dialética que Sócrates



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ensinou a Platão é um pensamento revolucionário na época, pois assim como escultor ou a parteira que para bem realizarem suas atividades necessitam de esforço e disciplina, pensar e conhecer também necessitam de dedicação, assim como o trabalho.

Saltamos para o Livro VII d’**A república** (1993) e sua Alegoria da Caverna (514a-517a) cuja concepção é bem conhecida: prisioneiros em uma caverna que vivem a contemplar sombras como se fossem a realidade e que, caso se libertassem descobririam que as sombras são produzidas por fantoches e que no exterior da caverna está a realidade verdadeira. Para Platão a certeza era: os que chegariam à entrada da caverna seriam sábios de natureza racional; os que permanecessem prisioneiros seriam os humanos de natureza apetitiva. Estes seriam não só ignorantes, mas potencialmente perigosos, uma vez que poderiam matar àquele que chegasse ao exterior da caverna e tentasse lhes libertar: “Eis o que Platão pretende dizer: ai de quem rasga as ilusões que envolvem os homens! (...) quem lhes traz uma mensagem de verdade ontologicamente revolucionária pode ser condenado à morte como um charlatão!” (REALE, 1994, p. 299).

E aqui chegamos novamente ao episódio do **Hino nacional** (2011), uma vez que nele temos a perspectiva do prisioneiro da caverna. Não somente o aprisionado, mas justamente aquele que se sente confortável em seus grilhões e já elaborou formas de sociabilidade que mantenha seu conforto. O tom sombrio é predominante no episódio e não há momentos de iluminação. A caminhada do Primeiro-Ministro até o estúdio onde será gravada a cena é, literalmente, caminhar dentro de uma caverna, mas não para fora dela. A ideia do intercurso sexual com um porco lhe parecia repugnante, mas Callow realiza a tarefa diante da possibilidade do fim de sua carreira como político e não propriamente para salvar a vida da princesa, o que é demonstrado quando seus assessores apresentam pesquisas indicando que para os eleitores o cumprimento da tarefa será bem vista e até considerada um ato de heroísmo. Em sua caminhada, após tomar um remédio vasodilatador, a sutil ironia no conselho: “Psicólogos nos sugeriram que você leve o tempo que for necessário. A pressa pode ser mal interpretada como ansiedade... ou até prazer” (2011). A opinião pública vai ao êxtase em misto de satisfação e asco quando a inusitada tarefa é cumprida. Neste trecho podemos observar a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

máxima potência dos conselhos de Nicolau Maquiavel (1469-1527) sobre como o Príncipe deve agir: “Mas é preciso saber mascarar bem esta índole astuciosa, e ser grande dissimulador. Os homens são tão simplórios e obedecem de tal forma às necessidades presentes que aquele que engana encontrará sempre quem se deixe enganar” (MAQUIAVEL, 2007, p. 159). Em tempos de tecnologia, enganadores e enganados estão envoltos no manto do espetáculo. A política é (re)produtora dos piores instintos. Após uma elipse de ano do fato, a popularidade Callow é extraordinária, aparecendo ao lado da esposa em eventos políticos. Dentro de sua residência, contudo, ambos já não se relacionam mais.

A própria escolha de um porco como animal a ser violado no episódio pode remeter ao clássico **A revolução dos bichos** (2007) de George Orwell. Aqui este autor considera que os porcos, por serem mais inteligentes, estabelecem o mando de uma espécie de república platônica animalesca. Ao final, os demais animais percebem – já tarde demais – que os porcos se aliavam aos homens, fazendo negócios com os próprios bichos concidadãos. Ao verem os porcos confraternizando com os homens (bebendo, gargalhando, discutindo e até usando roupas) “já era impossível distinguir quem era homem, quem era porco” (p. 112). Nesse sentido, são esses os negócios que políticos estão habituados: a manutenção da sociedade como ela é. Embora desempenhe função distinta, a presença da figura do porco em alegorias políticas não deixa de ser instigadora.

Ao final do episódio, descobre-se que o ato sexual de Callow foi em vão, já que a princesa estava liberta fazia cerca de uma hora antes do horrendo show ser exibido, vagando sozinha pelas ruas cidade, vazias diante da distração oferecida pela televisão. Enfim chegamos ao desfecho do mistério. Tudo fora arquitetado pelo artista Carlton Bloom, que teria executado com o sequestro e a coação ao político a “primeira grande obra de arte do século XXI” (HINO..., 2011).

Aqui observamos as posições de Platão sobre a arte, no contexto da formação de uma cidade ideal. Embora a considere essencial para a formação dos jovens, acredita que “devemos começar por vigiar os autores de fábulas, e seleccionar as que forem boas, e proscrever as más” (PLATÃO, 1993, 377c). A arte, desenvolvida de forma livre



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

implicaria na liberdade dos piores governarem os melhores, e daí novamente estabelecer o governo dos apetites. Considera ele sobre a poesia (e a arte baseada em imitação – a mimese): “todas as obras dessa espécie se me afiguram ser a destruição da inteligência dos ouvintes” (595b). Com o fim deste episódio percebemos a arte como questionadora dos limites do artístico. Teria a arte mesmo o papel de destruição da inteligência? Até onde iriam seus limites? São questões que se abrem, repentinamente, com o fim abrupto deste episódio. Acerca da arte e seu papel social, *Black Mirror* nos reserva seu próximo capítulo inclusive como forma de continuidade desta discussão, conforme veremos.

QUINZE MILHÕES DE MÉRITOS: A ESCALADA RUMO AO TOPO, MAS QUE TOPO?

– Considera pois – continuei – o que aconteceria se eles fossem soltos das cadeias e curados da sua ignorância, a ver se, regressados à sua natureza, as coisas se passavam deste modo. Logo que alguém soltasse um deles, e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz, ao fazer tudo isso, sentiria dor, e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objectos cujas sombras via outrora. Que julgas tu que ele diria, se alguém lhe afirmasse que até então ele só vira coisas vãs, ao passo que agora estava mais perto da realidade e via de verdade, voltado para objectos mais reais? E se ainda, mostrando-lhe cada um desses objectos que passavam, o forçassem com perguntas a dizer o que era? Não te parece que ele veria em dificuldades e suporia que os objectos vistos outrora eram mais reais dos que os que agora lhe mostravam? (PLATÃO, 1993, 515cd).

Se o primeiro episódio de *Black Mirror* nos colocava em um contexto bastante familiar a nós – incluindo referências explícitas a nossa cultura – o segundo episódio **Quinze milhões de méritos** (2011) possui narrativa e ambiente completamente diferente sendo muito mais alegórica que o anterior. Neste episódio também acompanhamos o despertar de seu protagonista que, diferente de Michael Callow que fora acordado repentinamente pela urgência dos fatos, cumpre uma rotina que de início já não parece ser nada interessante. Apesar do seu quarto com paredes que são imensas telas televisionadas (mas que desligadas são imensos espelhos negros) nos remetendo tanto ao mote da série quanto à aparência de escuridão cavernosa. Assim somos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

apresentados a Bingham Madsen, ou Bing, um jovem preto que parece viver no “piloto automático”, já conformado e sem ambições. Mas quais ambições ele poderia ter?

Aos poucos somos introduzidos a sua sociedade: Bing faz parte de uma categoria de pessoas cuja função é pedalar continuamente bicicletas ergométricas adquirindo com isso os “méritos” do título que é a moeda local. Já mencionamos que as telas são as paredes da alcova de Bing (e de seus colegas semelhantes) mas elas também estão diante das bicicletas, exibindo programas, músicas, *games*, canais de compras e filmes pornográficos, todos serviços comprados com os méritos que vão adquirindo pela milhagem pedalada. Os ciclistas vestem uniformes cinzas, mas todos possuem avatares virtuais que podem mudar sua aparência (roupas, sapatos, cortes de cabelo, acessórios) através dos méritos. Confinados em seus quartos, são esses avatares que os representam em eventos públicos, como os shows de calouros. É possível ter uma noção que os ciclistas são muito numerosos, estando em uma espécie de prédio subterrâneo imerso na escuridão. Acima deles estão duas categorias de pessoas: os artistas que fazem os shows televisionados (músicos, dançarinos e atores); e os chefes dos artistas, que inclusive os selecionam dentre os ciclistas. Além destes, estão os trabalhadores da produção dos shows e também faxineiros que limpam – e são humilhados pelos ciclistas -, e também podem fazer “pontas” igualmente degradantes nos shows de humor exibidos.

É uma sociedade que parece ser mais complexa, uma vez que é mencionado pela personagem Abi Khan que a irmã dela está “lá em baixo” (QUINZE..., 2011) onde ela gostaria de estar, mas podemos ter uma ideia de uma divisão tripartite social (ciclistas, artistas e chefes), assim como Platão delineou na República (artesãos, guerreiros e guardiões). Faxineiros e demais trabalhadores estariam na categoria que Platão (1993) denominou de “complemento da cidade”, os assalariados: “servidores, segundo julgo, que, pelo seu intelecto, não seriam muito dignos de serem admitidos na nossa comunidade, mas são possuidores de uma força física suficiente para trabalhos pesados” (371e). Um outro aspecto interessante é a mobilidade social (algo presente na cidade ideal platônica – claro, lá em termos muito relativos) sendo possível que ciclistas sejam selecionados para serem artistas e, se não cumprirem metas, se tornarem faxineiros. Contudo, chefes não são filósofos; artistas não são guerreiros; e operários (os ciclistas)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

não são artesãos. As três classes do episódio são variantes da alma apetitiva. Como então, entender a sociedade que **Quinze milhões de méritos** nos mostra?

A vida de Bing ganha novo rumo ao conhecer Abi Khan, garota pela qual passa imediatamente a gostar. A partir deste momento teremos um pouco mais de contato com as ideias dele como que “não há autenticidade aqui” ou “só quero que algo real aconteça” ou “é a coisa mais natural ali, provavelmente criada artificialmente” (QUINZE..., 2011) ao se referir a uma maçã. Ao ouvir ela cantar, decide que deve ajuda-la a tentar ser artista e, para isso, deve pagar a quantia de quinze milhões de méritos como passaporte para que ela possa ter sua aptidão julgada por uma bancada de jurados e pelo público de ciclistas. Aqui podemos questionar o papel do trabalho neste episódio, apresentado de forma simbólica no papel dos ciclistas.

Pensarmos no conceito de trabalho e principalmente sua atualidade sob o regime do capitalismo implica em questionarmos a obra marxiana. Aqui chamamos a atenção às análises de Hector Benoit (1996, 2003), que entende a dialética desenvolvida por Marx foi tributária da dialética platônica e não propriamente, hegeliana. Interessante notarmos que, segundo este autor,

quando na República de Platão se pretende descrever a miséria e o fetichismo dos homens que contemplam sombras como se fossem a realidade, não por acaso, toma-se a imagem dos escravos que acorrentados trabalham em uma caverna subterrânea, evidentemente, aludindo ao trabalho escravo nas minas da Ática. (1996, p. 32).

Assim sendo, é plenamente possível relacionar a Alegoria da Caverna e o tema trabalho com a dialética marxiana do século XIX. Podemos perceber como Marx, em seus **Manuscritos econômico-filosóficos** (2010) de 1844, tem a concepção que o trabalhador divorciado da riqueza que ele mesmo produz, está relegado a um mundo de sombras: “O trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador” (p. 82), em uma clara referência ao estado de escuridão que o trabalhador se encontra. O estranhamento resultante da relação social de acumulação de riquezas o coloca em estado de animalidade: “o homem (o trabalhador) só se sente como [ser] livre e ativo em suas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

funções animais, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adornos, etc., e em suas funções humanas só [se sente] como animal. O animal se torna humano, e o humano, animal.” (p. 83). Em suma, este é o mundo da prisão no fundo da caverna: não a animalidade livre, mas a confinada, legada e estimulada pela própria humanidade. Aqui o episódio se conecta ao episódio anterior: porcos, humanos, tanto faz. Este é um episódio que dialoga frontalmente com a realidade do trabalho: “há uma *processualidade contraditória* que, de um lado, reduz o operariado industrial e fabril; de outro, aumenta o subproletariado, o trabalho *precário* e o assalariamento no setor de serviços” (ANTUNES, 2000, p. 49-50).

Interessante que o episódio ainda faz uma sutil ligação com o trabalho na perspectiva do século XXI. Afinal, Marx se referia ao trabalho fabril, lúgubre e insalubre do século XIX. Em nossa atualidade, o trabalho ganha uma nova perspectiva, incluindo aí o lúdico, a diversão, o divertimento incluindo aí a perspectiva da *gameficação* (inclusão dos elementos de jogos eletrônicos – *games* – no trabalho, incluindo desafios, pontuações e fases). E aqui temos a perspectiva do antropólogo Huizinga (2007) que propõe o conceito de *homo ludens* ao considerar o jogo como elemento essencial da cultura. Segundo ele, “o jogo é fato mais antigo que a cultura. (...) É-nos possível afirmar com segurança que a civilização humana não acrescentou característica essencial alguma à ideia geral de jogo.” (p. 3) uma vez que os animais já brincam, antes dos homens. Está no jogo “uma categoria absolutamente primária da vida, que qualquer um é capaz de identificar desde o próprio nível animal” (p. 5): o divertimento. **Quinze milhões**, contudo, nos mostra que tal divertimento está imerso na alienação: os ciclistas que mais se divertem são os que mais se entregam ao sistema, incluindo aí de forma violenta: os maus tratos aos faxineiros, vistos como pessoas inferiores são estimulados por *games*.

Bing e Abi partem rumo ao *Hot Shot*, o programa de calouros que vai selecionar os artistas dentre os ciclistas. Neste programa, há uma bancada de juízes, composta por *Hope* (esperança), *Charity* (caridade) e *Wraith* (espectro, fantasma). Vemos que os nomes dos juízes são em si bastante significativos, sendo que o primeiro é o empresário dos cantores e *performers* e o terceiro dos filmes adultos (não é revelado o ramo de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Charity, provavelmente seja mesmo a caridade – em uma alusão ao funcionamento desta no mundo capitalista). Abi impressiona como cantora, mas acaba como atriz pornô. Bing, indignado, passa a treinar passos de dança e a adquirir novamente seus quinze milhões de méritos. Munido de um pedaço de vidro partido de uma de suas telas, vai até o *Hot Shot* e, ameaçando cometer suicídio ao vivo faz um discurso emocionado e feroz contra a opressão daquele sistema. O juiz *Hope* o convida a fazer parte de sua empresa, com um show semanal de verborragia antissistema. Bing aceita.

Por aqui vemos também uma forte relação com a nossa atual sociedade. Conforme Martin & Schumann (1998) durante a década de 90 do século passado previa, por parte de seus principais empresários globais, que o século vindouro seria definido por duas expressões: “sociedade 20/80” onde “vinte por cento da população em condições de trabalhar no século 21 bastariam para manter o ritmo da economia mundial” (p. 10) sendo que os 80% restantes seriam pessoas indiferentes ao sistema econômico, e, por outro lado, o “*Tittytainment*” que é “a combinação de *entertainment* (diversão, entretenimento) e *tits* (gíria americana para seios ou tetas). Ao cunhar a expressão, Brzezinski³⁹ pensou menos em sexo e mais no leite da mãe que amamenta” (p. 11) sendo justamente a programação que entretém e ao mesmo tempo anestesia que se tornaram tão comuns no século XXI, como *reality shows* e programas de talentos de calouros.

O episódio encerra com Bing vivendo uma vida luxuosa, porém conformada, como artista. De seu novo quarto, muito maior do que o anterior, percebemos que as paredes continuam sendo telas, mas agora são imensas e exibem uma bela paisagem iluminada. Mas é somente mais uma projeção. Assim, **Quinze milhões...** nos mostra a sociedade que se estabeleceu dentro da caverna mas não propriamente a caverna platônica, mas a caverna da modernidade. A função dos juízes é a mesma dos homens que transportavam os fantoches diante do fogo na alegoria platônica: a manutenção do estado de coisas, a reprodução social. Bing não foi o prisioneiro que escapou e chegou até o fogo que projeta as sombras. Ele mesmo se tornou um fantoche.

³⁹ Trata-se de Zbigniew Brzezinski (1928-2017), ex-conselheiro de Segurança Nacional dos EUA.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

TODA SUA HISTÓRIA: POR ESTE SOL QUE NOS CEGA

– E se arrancassem dali à força e o fizessem subir o caminho rude e íngreme, e não o deixassem fugir antes de o arrastarem até à luz do Sol, não seria natural que ele se doesse e agastasse, por ser assim arrastado, e, depois de chegar à luz, com os olhos deslumbrados, nem sequer pudesse ver nada daquilo que agora dizemos serem os verdadeiros objetos? (...) (PLATÃO, 1993, 515e).

– E então? Quando ele se lembrasse da sua primitiva habitação, e do saber que lá possuía, dos seus companheiros de prisão desse tempo, não crês que ele se regozijaria com a mudança e deploraria os outros? (PLATÃO, 1993, 516c)

Toda sua história (2011) inicia em uma sala de reuniões muito bem iluminada (luz solar, aliás), onde o protagonista Liam Foxwell em uma entrevista de emprego como advogado e onde é mencionado uma nova área de atuação jurídica: “litígios de casos retrospectivos contra pais” (TODA SUA..., 2011) no qual se processam os pais por pouca atenção, como causa de traumas do presente. Logo somos apresentados à tecnologia específica que permite isso: o Grão, um dispositivo implantado atrás da orelha, que grava as imagens e sons captados pela pessoa durante toda sua vida, sendo permitido apagar certas cenas, o que não é socialmente aceito: na entrevista, Liam se dispõe a deixar suas memórias como parte de critério de seleção, e o vemos no aeroporto repassando tais dados à vigilância. Talvez por esboçar uma preocupação ética, Liam é elegantemente descartado pela comissão. No entanto, o drama do episódio não é o trabalho (ou o desemprego) de Liam, mas sim sua vida privada, especialmente seu casamento com Ffion com quem tem uma filha bebê. Durante um jantar com amigos, fica intrigado com a relação de sua esposa com Jonas, apresentado como um amigo dos velhos tempos, recém-separado. Percebe-se que as conversas informais envolvem principalmente as imagens captadas pelo Grão, transmitidas nos aparelhos televisores para todos os presentes. Liam obcecadamente passa a reprisar as imagens de Ffion e Jonas, desenvolvendo intenso ciúme.

Ainda durante este jantar, a personagem Hallam relata que teve seu Grão roubado e que preferiu permanecer sem o aplicativo, mesmo com as barreiras sociais. Somos informados da possibilidade de danos cerebrais e visuais por conta de sua



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

extração. Uma das presentes, que trabalha com o desenvolvimento do Grão informa que: “Sabia que metade das memórias naturais que temos são um lixo? Não são confiáveis (...) Com metade da população você pode implantar memórias falsas só fazendo perguntas indutivas em terapia.” (TODA SUA..., 2011). A memória tem papel fundamental no episódio.

Mas se trata de uma memória muito diferente da que concebemos, considerando apenas o funcionamento cerebral. O psicólogo russo Luria (1991) ao tratar da psicologia da memória, considera ser esta “o registro, a conservação e a reprodução dos vestígios da experiência anterior” (p. 39). Vestígios. Neste episódio de *Black Mirror* não se tratam de vestígios, mas de imagens, como se fossem câmeras e microfones. Uma de nossas formas de memória, a de representação “não conserva passivamente a marca do percebido mas faz com este um trabalho profundo, reunindo toda uma série de impressões, analisando o conteúdo do objeto, generalizando essas impressões e unificando a própria experiência” (p. 65). Vemos que a concepção de memória (considerando até várias tendências psicológicas) é de ser um atributo ativo, ferramenta indispensável para que o homem opere sobre o mundo de forma criativa, fincado em seu próprio passado. Contudo, para a empresa desenvolvedora do Grão, esta não é uma ferramenta confiável.

O que acontece no restante do episódio é justamente o aumento do ciúme de Liam, que continuamente revisa suas imagens (bebendo álcool excessivamente), confronta Ffion, vai até a casa de Jonas e confirma a traição, obrigando o amante a apagar todas as imagens com sua esposa. De volta a sua casa, confronta novamente a esposa e descobre que o encontro sexual dos dois aconteceu próximo a data da concepção da filha do casal e sem o uso de preservativos. Diante das imagens do passado do casal, decide remover seu Grão, sozinho, com uma lâmina e um alicate dando a impressão que as imagens de sua mente eram também apagadas.

Considerando os episódios anteriores, este é o com mais iluminação e com a presença de tons mais quentes (indicando tanto a luxúria dos amantes, quanto a tragédia que se encaminha). *Black Mirror* nos traz uma perspectiva amarga desta realidade. É bem certo que para o filósofo grego a chegada ao mundo exterior implicava na



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

formação do filósofo-guardião o que, de acordo com o Livro VII d'**A República** (1993) levaria por volta de 30 anos mesmo tendo a sua alma já destinada à filosofia. Neste episódio aqueles destinados ao mundo exterior não necessitam nem que sua alma seja racional, nem uma longa formação para ocupa-lo, afinal estamos aqui na perspectiva do pós-humano ou do ciborgue: a união do corpo com a máquina, formando um novo ser: “pressentimos que para além do humano penetra-se numa realidade ou numa condição um tanto hostil, inquietante, onde algum episódio terminal se passou ou está a caminho e nos sentimos implicados” (SANTOS, 2002, p. 57) como nos questiona este autor.

A discussão da pós-humanidade possui seus arautos e seus críticos, e devemos considerar que é um debate que avança e **Black Mirror** em vários de seus episódios trata desta questão: a extensão da capacidade humana com implantes computacionais. Um de seus arautos, Ray Kurzweil (2007) considera que no término do século XXI tais implantes serão realidade comum: “O salto para transportarmos nossas mentes para um meio computacional mais capaz acontecerá de modo gradual, mas inexorável” (p. 178), com o desenvolvimento de circuitos de memória, raciocínio e implantes neurais. Em seu ensaio **O homem pós-orgânico** (2002) Sibilia mostra que por detrás desta perspectiva está a tecnociência, que entende que técnica e ciência são dependentes mutuamente, sendo que em nosso tempo tal união é cada vez mais íntima. Desta visão, a que a autora entende derivar do mito de Fausto, sustenta que “existe uma certa afinidade entre a técnica fáustica – com seu impulso para a apropriação ilimitada da natureza (humana e não-humana) – e o capitalismo, com seu impulso para a acumulação ilimitada de capital” (p. 48). Enfim, não podemos deixar de considerar que todos esses “avanços” como é saudada toda tecnologia somente existe no contexto do capitalismo. Conforme a relevante contribuição de Zuboff (2020) segundo a qual o protagonismo de desenvolvimento computacional de nossos dias direciona-se a formação do chamado “capitalismo de vigilância”, é a partir do capital blindado pela tecnologia que a pós-humanidade será desenvolvida como necessária ao capital: “Com tal reorientação transformando conhecimento em poder, não basta mais automatizar o fluxo de informação *sobre nós*; a meta agora é *nos automatizar*” (p. 18).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O episódio, contudo, faz uma discussão centrada no aspecto pessoal, sentimental e íntimo da tecnologia imersa em nossos corpos. Em seu **Manifesto ciborgue** (2013) Donna Haraway considera que a presença desta figura que parece ser ainda ficcional já está entre nós, pois somos nós:

No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. (p.37).

O ciborgue está determinadamente comprometido com a parcialidade, a ironia e a perversidade. Ele é oposicionista, utópico e nada inocente. Não mais estruturado pela polaridade do público e do privado, o ciborgue define uma *pólis* tecnológica baseada, em parte, numa revolução das relações sociais do *oikos* – a unidade doméstica. (...) O ciborgue não sonha com uma comunidade baseada no modelo de família orgânica mesmo que, desta vez, sem o projeto edípico. (p. 39).

Se pretendemos relacionar a “Alegoria da caverna” platônica com esta temporada de **Black Mirror** e consideramos ser este o retrato de uma sociedade que caminha para ser verdadeira em sua vigilância ciborgue, talvez fique o questionamento sobre qual a relação com o mundo perfeito de Luz narrado por Platão, sendo ainda que o Sol seria o correspondente da ideia do Bem para ele.

Importante aqui mencionar que no Livro V de sua obra (1993), ao tratar da formação da comunidade de Guardiões o autor entende ser necessário que “os homens superiores se encontrem com as mulheres superiores o maior número de vezes possível” (459de) ou seja, que seja formada uma sociedade eugênica. A perfeição desta sociedade passa também pelo controle da procriação de seus membros, o que permitiria aos virtuosos governantes “usar de mentiras frequentes e de dolos para benefício dos governados” (459c). A mentira privada é aquela que garante a estabilidade pública. Nosso personagem Liam que na primeira cena sacrifica seu futuro profissional por questões éticas, prefere ao fim deste drama, sacrificar sua sanidade e integridade física sendo quebrado por si mesmo. E quando desligamos a tela: o vemos nela refletido?



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

REFERÊNCIAS

a) Episódios

HINO NACIONAL. Direção de Otto Bathurst. Inglaterra. **Netflix**. 2011. 44min27s. Disponível em: <<https://www.netflix.com/watch/70264856>>, acesso em 01 set. 2021. **Black Mirror**: Ep. 01, Temp. 01.

QUINZE MILHÕES DE MÉRITOS. Direção de Euros Lyn. Inglaterra. **Netflix**. 2011. 01h02min12s. Disponível em: <<https://www.netflix.com/watch/70264858>>, acesso em 01 set. 2021. **Black Mirror**: Ep. 02, Temp. 01.

TODA SUA HISTÓRIA. Direção de Brian Welch. Inglaterra. **Netflix**. 2011. 49min13s. Disponível em: <<https://www.netflix.com/watch/70264856>>, acesso em 01 set. 2021. **Black Mirror**: Ep. 03, Temp. 01.

b) Bibliográficas

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 7.ed. São Paulo: Cortez; Campinas-SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

BENOIT, H. Da lógica com um grande “L” à lógica de O Capital. In: NAVARRO, Caio *et. ali.* **Marxismo e Ciências Humanas**. São Paulo: FAPESP/Cemarx/IFCH-UNICAMP, 2003.

BENOIT, H. **Sobre a crítica (dialética) de O Capital**. Revista Crítica Marxista, v. 03, p. 14-44, 1996. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/3_Hector_Benoit.pdf>, acesso em 10 out. 2021.

BENOIT, H. **Sócrates**: o nascimento da razão negativa. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1996.

ELLSWORTH, E. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. (org.) **Nunca fomos humanos** – nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo, Perspectiva, 2007.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

KURZWEIL, R. **A era das máquinas espirituais**. São Paulo: Aleph, 2007.

LEMOS, A. **Isso (não) é muito Black Mirror**: passado, presente e futuro das tecnologias de comunicação e informação. Salvador-BA: EDUFBA, 2018.

LURIA, A. **Curso de psicologia geral**. 2.ed. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. São Paulo: Jardim dos livros, 2007.

MARTIN, H.-P. & SCHUMANN, H. **A armadilha da globalização**: o assalto à democracia e ao bem-estar social. 4.ed. São Paulo: Globo, 1998.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

ORWELL, G. **A Revolução dos Bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PLATÃO. **A república**. 7.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

REALE, G. **História da filosofia antiga**: II. Platão e Aristóteles. Vol. 2. São Paulo: Loyola, 1994.

SANTAELLA, L. & GABRIEL, M. **Por que Black Mirror dá muito o que pensar?** Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 19, n. 62, p. 932-947, jul./set. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/25655>>, acesso em 01 set. 2021.

SANTOS, J. **Breve, o pós-humano**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora; Curitiba-PR: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. 3.ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

Recebido em: 12/10/2021

Aprovado em: 12/11/2021

Publicado em: 29/12/2021